

Administração acadêmica da enfermagem na Universidad Nacional de Trujillo-Peru¹

Nélida Cantuarias Noriega²
Ilda Cecília Moreira da Silva³

Cantuarias N, Nélida; Silva M., Ilda C. da. Administração acadêmica da enfermagem na Universidad Nacional de Trujillo-Peru. **Revista Peruana Enferm. investig. desarro.** 2004 agosto-diciembre 6(2): 33-42.

Este estudo, uma pesquisa qualitativa, tem por finalidade discutir as estratégias do saber, poder e autonomia na administração acadêmica de enfermagem na Universidade Nacional de Trujillo-Peru. Busca oferecer uma fonte de informação consubstanciada em fatos e acontecimentos empreendidos pelas enfermeiras docentes que caracterizam a trajetória evolutiva da carreira da enfermagem universitária. Utiliza a abordagem dialética de perspectiva histórico social, análise documental e entrevista semi-estruturada. À luz dos pensamentos filosóficos do Mario Testa e Antonio Gramsci, os resultados evidenciam os movimentos de luta para a transformação na administração acadêmica e conquista do desenvolvimento da enfermagem.

Palavras chave: Ensino de Enfermagem. Administração-acadêmica e Autonomia-administrativa.

Introdução

A educação da enfermagem, na América Latina, no sentido amplo, é considerada como uma estratégia para a melhora da saúde da população contribuindo a elevar a qualidade de vida e a força de trabalho, tendo como pressuposto a recuperação, promoção da saúde e prevenção das doenças transmissíveis. O reconhecimento da profissão da enfermagem, aconteceu a partir de muitos acertos e desacertos com os grupos hegemônicos da área da saúde.

Na quase totalidade dos países deste continente, a educação da enfermagem iniciou-se no final do século XIX, com a institucionalização dos serviços públicos hospitalares determinada pelas políticas e

desenvolvimento econômico e social. As principais ações de saúde das enfermeiras foram o cuidado dos doentes nos hospitais e a vigilância sanitária dos portos para a proteção do comércio internacional, estava relacionado com a política e economia da época (Verderese, 1980, p. 3).

No Peru, a formação da enfermagem institucionalizada foi a início do século XX nas escolas superiores autorizadas pelo Ministério da Saúde, anexadas aos hospitais e a maioria dirigida por religiosas. Nessa época, a hegemonia médica imperava pela tradição e posição social, nos profissionais da saúde, em particular a enfermeira era dirigida pelo médico (Jamieson, 1968, p.337).

¹ Trabalho extraído da tese “Inserção da Enfermagem na Administração Acadêmica na Universidade Nacional de Trujillo-Peru: Lutas, conquistas e desafios”, apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para obtenção do título de doutora em enfermagem, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ilda Cecília Moreira da Silva. 2003.

² Professora Titular do Departamento Acadêmico de Enfermagem do Adulto e Idoso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Nacional de Trujillo. Peru. Doutora em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil.

³ Doutora em Enfermagem. Professora Titular do Departamento de Metodologia de Enfermagem. Núcleo de Pesquisa em Educação, Gerência e Exercício Profissional de Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil

Os avanços das ciências naturais, da saúde e da tecnologia, implicam a divisão técnica do trabalho, determinando o surgimento de outras profissões na área de saúde. Nessa hierarquização, o médico sempre é o que tem o primeiro lugar. Entretanto, os demais profissionais da área, hoje, questionam essa hierarquia e levantam movimentos de luta em favor da igualdade profissional (Giovanini, 1995, p.19).

O pensador Gramsci (2001, p.19) considerou forças ativas na sociedade as classes dominantes e as classes dominadas do grupo. As primeiras constituídas pelos políticos e intelectuais das diferentes profissões, entre eles os médicos, reconhecidos tradicionalmente pelo nível elevado de vida, e os demais profissionais a classe dominada. Os dominados, no caso das enfermeiras, conscientes de sua situação, se solidarizam para lutar pela conquista na universidade e na sociedade, e serem reconhecidas como uma profissão emergente de intelectuais.

A criação da Escola de Enfermagem na Universidad Nacional de Trujillo (UNT), foi no ano 1965, pelo Magnífico Reitor Dr. Virgilio Vanini de los Rios, como uma unidade acadêmica da Faculdade de Medicina, sendo Diretor o Dr. Jorge de Vinatea Collins, quem presidia a Comissão de Coordenação da Escola de Enfermagem, integrada pelos médicos e alunas delegadas de enfermagem⁴, tendo como assessoras um médico e duas enfermeiras⁵ norte-americanas do Projeto HOPE, organização

que apoiou à Faculdade de Medicina (Frank, 1973, p.22-23).

Assim, a Escola de Enfermagem/UNT foi implantada segundo o modelo norte-americano, com o saber teórico prático da época. Oferecia dois programas: O Programa Suplementar de três anos acadêmicos para enfermeiras diplomadas⁶, e o Programa Básico referia-se ao oferecimento de uma carreira curta⁷, para jovens, mulheres e homens que tivessem interesse em estudar a carreira de enfermagem. As professoras eram as enfermeiras norte-americanas, elas permaneceram até que as enfermeiras peruanas tivessem o Grau de Bacharel e Título de Licenciada em Enfermagem. Assim, no ano 1968, ingressaram à docência universitária a través de concurso em diferentes áreas como Chefe de Prática, sem categoria professoral as enfermeiras peruanas: Nélida Cantuarias Noriega e Olga Kobashigawa de Vásquez em enfermagem médico-cirúrgico, Nilda Zapata Lazo em enfermagem materno-infantil, Elba Chávez de Sánchez em enfermagem de saúde mental, Tula Bustamante de Montalvan e Zitta Orchessi de Morillas em saúde pública e Filomena Beas de Rodríguez em administração em enfermagem, elas trabalharam em equipe com as enfermeiras norte-americanas, realizando o planejamento, execução, e avaliação de disciplinas no curso de enfermagem (Frank, 1973, p. 30).

A universidade contribuiu para o desenvolvimento das pesquisas e a

⁴ Prof. Dr. Jorge de Vinatea, Prof. Dr. Luis Utano, Prof. Dr. Arturo Piedra. Alunas delegadas: Zitta Orchessi e Nelly García.

⁵ Dr. Archie Goldem e enfermeiras: Betty Berry e Katherine Vandergriff do Projeto HOPE.

⁶ Enfermeiras egressas de Escolas Superiores, que com capacitação universitária obtém Título de Licenciada e Grau de Bacharel e seriam as professoras.

⁷ Carreira curta com quatro anos de estudo e título de Enfermagem.

construção de conhecimento sobre a ciência de enfermagem e para melhora da formação da enfermeira no nível da graduação e pós-graduação. É importante reconhecer que o Brasil e o Peru foram os primeiros países da América Latina que implantaram a pós-graduação em enfermagem e deu apoio a outros países.

A consolidação das técnicas de enfermagem e o desenvolvimento dos princípios e teorias para a prática e o ensino de enfermagem se produziram em um tempo histórico, daí a tensão dialética da enfermagem entre o trabalho manual e o trabalho intelectual (Geovanini, e Nogueira, 1995, p. 18).

A enfermagem na universidade legitima uma nova visão social de sua carreira e, portanto, uma nova hierarquia no campo da saúde, no ensino e no trabalho. O grupo dominado com funções diferenciadas, que é a enfermagem, respondeu aos dominantes, os médicos, com movimentos de libertação com base em seus direitos legítimos.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com abordagem dialética, de perspectiva histórico-social e caracteriza-se pelo trabalho de campo na categoria de entrevista semi-estruturada e análise documental de fontes primárias e secundárias. As bases teóricas do estudo, referem-se principalmente aos conceitos de hegemonia, dominação, libertação e estratégia para o avanço do saber, poder e autonomia a partir do análise crítico dos pensadores Mario Testa, Antonio Gramsci e Pedro Demo na busca de compreender o trabalho de enfermagem no desenvolvimento da

administração acadêmica na universidade pública.

O método dialético é considerado como o mais conveniente para o problema de estudo em procura resolver. Trata-se de uma questão específica que não admite considerações gerais, devendo ser examinada em sua especificidade na unidade de contrários em movimento e transformação (Gadotti, 1992, p. 31).

Para a fase de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semi-estruturada, interação com aceitação mútua e informação autêntica (Lüdke e André, 1988, p.33).

Saindo da Faculdade de Medicina: a luta das enfermeiras contra a hegemonia e a dominação

Para as enfermeiras colaboradoras, a inserção da enfermagem na UNT, abrange dois momentos. Primeiro ser uma unidade acadêmica da Faculdade de Medicina, mesmo que dirigida por médico, significou um avanço na área de enfermagem e na saúde na região de Trujillo, embora com limitações para seu desenvolvimento. Isso deu margem aos movimentos de luta e investimentos das enfermeiras em sua própria qualificação com o propósito de sua emancipação. Porém, o segundo momento foi a criação da Faculdade de Enfermagem, conforme os depoimentos a seguir:

“Segundo as normas da universidade, quando se iniciou o funcionamento da Escola de Enfermagem na UNT, teve como primeiro Diretor um médico, cargo que depois foi resgatado pelas enfermeiras professoras que lutaram para ter a categoria de professora titular” (Dep. 1).

“Estando a Escola de Enfermagem na Faculdade de Medicina não tínhamos

oportunidade de desenvolvimento, havia o ciúme dos profissionais médicos, os quais sempre tentaram minimizar-nos, não permitir nosso desenvolvimento, tanto é assim que, para ingressar na docência universitária, só poderíamos como Chefe de Prática, sem categoria professoral” (Dep.6).

Pode-se inferir o trato aos opacos quando a Escola de Enfermagem era unidade da Faculdade de Medicina. Nesse momento não existia nenhuma enfermeira peruana com título universitário, mesmo sendo egressas de escolas superiores. Mas quando se nivelaram na universidade, ingressaram na docência como Chefe de Prática; as autoridades dessa Faculdade não lhes permitiram permanecer na categoria de professor, somente depois de três anos puderam ser promovidas à categoria de Professora Auxiliar, nota-se que continuava a hegemonia médica tradicional, eram os médicos que dirigiam todos os profissionais da equipe de saúde e não aceitavam no mesmo nível as enfermeiras na universidade. Isso fez com que as enfermeiras demonstrassem seu descontentamento e, para serem reconhecidas como profissionais universitárias, iniciaram movimentos de luta.

Nesse sentido, Testa (1992, p.139) afirma que a luta do grupo médico pela conservação de seu monopólio sobre a área de saúde se contrapõe à luta dos demais grupos profissionais pelo reconhecimento de suas próprias categorias de divisão e classificação na sua especialidade.

O Conselho da Faculdade de Medicina/UNT aprovou que a carreira de enfermagem se iniciasse na universidade, mas com o conceito tradicional; a escola foi inserida no Hospital Regional Docente de

Trujillo (HRDT), os médicos tinham pensado ser os que sempre dirigissem a escola. Porém alegavam que enfermagem era profissão de carreira curta e, que as enfermeiras eram instrutoras sem categoria de professor. Isso assegurava o diretor médico para escola, eles reconheciam o risco na mudança de hierarquia da carreira de enfermagem, mas as enfermeiras entenderam como oportunidade de avanço para a profissão, e viram uma chance de desenvolvimento. Os seguintes depoimentos dão mostra desse entendimento:

“No inicio a Escola de Enfermagem na Faculdade de Medicina ficava no HRDT, o que foi semidestruido pelo sismo no ano 1970. Porém docentes e estudantes se organizaram para sair do perigo, nomeando uma Comissão para a construção da Escola de Enfermagem na cidade universitaria fora do hospital e da Faculdade de Medicina. É importante dizer que um grupo trabalhou para ter seu prédio próprio o que era requisito para ser Faculdade de Enfermagem, mas outro grupo de enfermeiras continuava pensando em depender sempre da Faculdade de Medicina ” (Dep.5).

“Aquele movimento universitário utilizou muitas estratégias de luta fazendo parcerias e alianças com outros profissionais, trabalhando em equipe, em comissões, marchas, greves. Vieram jornalistas ao hospital e informaram: mais de 600 alunas de enfermagem em perigo de ser sepultadas por prédio quebrado. Isso fez que o Reitor⁸ desse atendimento ao problema” (Dep. 3)

Observa-se que enfermagem na Faculdade de Medicina tinha limitações para seu desenvolvimento, era preciso que a Escola saísse do prédio do hospital que estava com problemas na estrutura e conseguissem um prédio na cidade

⁸ O Prof. Engenheiro Carlos Chirinos Villanueva (1989)

universitária. As falas merecem uma reflexão sobre os fenômenos em que a enfermagem esteve envolvida e que resultou em mudanças para o avanço da profissão, senão é a guerra o conflito com profissionais é a natureza daquilo com que as enfermeiras tiveram que lidar entendendo-se a dialética dos contrários como a dinâmica de transformação.

Porém, as professoras enfermeiras, analisando a situação e deixando para traz uma das características da enfermagem, de submissão, agora tinham espaço, tinham poder lideraram num movimento, organizando um grupo solidário integrado pelas professoras, alunos, funcionários além de estabelecer alianças com outros docentes da universidade; e os jornalistas foram aqueles que informaram sobre o perigo das estudantes e professoras no prédio do hospital danificado.

Além disso, trabalhou-se buscando estratégias de participação em eventos científicos e de agremiações na universidade. As enfermeiras, embora se constituíssem em um grupo pequeno, mas de uma profissão entendida pelo médico como curta, lutavam incansavelmente, eram uma luta cotidiana para ser uma carreira longa como as demais com a possibilidade de ser Faculdade de Enfermagem. Também como em toda mudança houve algumas enfermeiras receosas de perder posição no trabalho e não serem aceitas pelos médicos no campo clínico, preferiam continuar sempre sob sua dominação. Ousaríamos dizer que não era vontade de ser dominado, mas elas sofriam do mesmo processo de escravidão, sem a liberdade.

A estratégia de luta se explica pela lei da dialética, da contradição, pois a enfermagem na UNT teve muitas mudanças qualitativas as que foram lentas, porém continuadas, diríamos no cotidiano, esses movimentos de luta foram modelos para as alunas em formação, e que continuo com as novas turmas. Aquele processo de “aos poucos” tinha visibilidade pela coesão, parcerias, além dos embates, dos encontros e desencontros no interior de nossa escola.

Testa (1995, p.15) refere que a proposta de uma forma de luta paulatina de espaços que vão sendo transformados, passo a passo em posições firmes-trincheiras chamada “guerra de trincheiras” de onde é possível realizar novos avanços à medida que se apresentem conjunturas favoráveis ou se aguarda a oportunidade.

Poder e autonomia na gerencia acadêmica da enfermagem

A enfermagem, como unidade acadêmica da Faculdade de Medicina/UNT, tinha limitações acadêmicas e administrativas, as professoras enfermeiras não tinham acesso aos cargos hierárquicos de tomada de decisão. Não havia possibilidade de desenvolver a pós-graduação. No ano 1976, intentou-se um curso de mestrado em enfermagem, projeto que apresentou a Diretora da Escola de Enfermagem⁹ e não foi aprovado pelas autoridades, nessa época não existia nenhum curso desse nível na universidade.

Quando enfermagem conseguiu ter o cumprimento dos requisitos e das condições para criar uma Faculdade de Enfermagem, inicia-se uma nova etapa da enfermagem na

⁹ Diretora da Escola de Enfermagem Pro^a. Néli da Cantuarias Noriega, apresentou o Projeto do Curso de

UNT, tendo suas próprias autoridades enfermeiras com representação da decisão nos Colegiados da Faculdade e da Universidade, o que permitiu realmente conquistar os avanços atuais e adquirir poder e autonomia na academia e na administração. O dito é evidenciado pelos depoimentos seguintes:

“Nos as enfermeiras compreendíamos eu as categorias de Professor Auxiliar, Adjunto e Titular permitiam ter o poder e autonomia. Porém, a promoção da categoria docente foi nossa luta mais forte, apresentávamos mais de uma vez para avaliações pela banca de médicos. Isso foi uma experiência muito sofrida pero com sucesso” (Dep. 9).

“Eu acredito que nós, em 30 anos, adquirimos mais do que pensamos. Agora nossas enfermeiras egressas, professoras em exercício estão sendo chamadas para ocupar cargos hierárquicos de responsabilidade na universidade e nas instituições de saúde. Por outro lado, a comunidade universitária valoriza o trabalho da enfermeira, seu compromisso, identidade profissional, sua luta muito árdua para adquirir uma Faculdade e ter a pós-graduação, com maior conhecimento e independência organizativa conseguimos o poder acadêmico-administrativo em Enfermagem” (Dep. 7).

A hegemonia médica se mantinha na universidade, as enfermeiras mantiveram um trabalho persistente e inteligente para se fazer reconhecer e respeitar pelo seu saber e ter a categoria de Professora Titular, por conseguinte o poder hierárquico em todos os âmbitos como uma carreira na especialidade no campo da saúde. Isso foi possível em um tempo longo conforme se ia conquistando espaços pelo domínio de situações administrativas que necessariamente tinham que realizar as que surgiam decorrentes de

suas práticas no rompimento das fronteiras impostas pelo contexto.

Para maior precisão, recorre-se ao conceito de poder de Testa (1995, p. 19), a estratégia como poder é a maneira de alcançar o espaço e estabelecer condições favoráveis ao nosso próprio objetivo para ser reconhecidas com legalidade.

A implantação da pós-graduação em enfermagem *stricto sensu*: mestrado e doutorado, e *lato sensu*: especialização foi outro desafio que o grupo de liderança trabalhou para oferecê-lo. Com esses cursos se acrescenta o poder técnico e político das enfermeiras em qualquer campo de trabalho: docência, serviços de saúde, escolas e centros de pesquisa. Isso é precisado com os depoimentos:

“Um grande poder na academia é ter doutores em enfermagem graduadas na Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ, e doutorandas por graduar-se neste ano 2003” (Dep. 8)

“A capacitação das professoras de enfermagem na UNT, 95% são mestres, com dois Doutores em Enfermagem graduados na EEAN/UFRJ¹⁰, e quatro doutorandas¹¹ por terminar na mesma escola. Também estão estudando em Universidades Nacionais cinco professoras o Doutorado em Saúde Pública” (Dep. 12).

“Avançamos tanto que agora temos representantes de enfermagem na Assembléia Universitária, Conselho Universitário, nos Escritórios Gerais, e no Tribunal de Honor” (Dep. 12).

enfermeira do Projeto HOPE.

¹⁰ Prof. Dr. Sebastian Bustamante Edquén e Prof^a Dra. Flor Marlene Luna Victoria Mori.

¹¹ Prof^a Nélide Cantuarias Noriega, Prof^a Yolanda Rodríguez Nuñez, Prof^a Delia Lázaro Aranda, Prof^a Pilar Gómez Luján, no Programa de Doutorado Pólo Peru, pelo Convenio da UFRJ e UNT.

Segundo os depoimentos, a universidade exige o grau de Mestre ou Doutor para a categoria de Professor Titular, o que permite acesso à hierarquia de cargos, ou poder administrativo. As enfermeiras tiveram que se capacitar e fazer Mestrado na Universidade de Cali/Colômbia e Universidade Nacional Maior de San Marcos em Lima/Peru para serem promovidas a titular. Na UNT o curso de Mestrado implantou-se no ano 1993, mesmo ano que foi criada a Faculdade de Enfermagem.

Testa (1995, p. 44) considera o poder como um saber e uma prática hegemônica e de dominação na sociedade, exercida com nível de hierarquia nas diversas instituições do ensino nas universidades e naquelas da saúde como os hospitais. Este poder se torna efetivo, se exerce pelas características individuais fortes ou fracas dos atores, o médico e a enfermeira, com um saber e um poder diferenciados, o que determina repressão. Isso, em minha opinião, fez com que se iniciasse um, confronto de saberes no exercício prático da enfermeira para sua autonomia, verdadeira guerra de trincheira e, SMJ¹², verdadeira violência de gênero, institucional, profissional e pessoal.

Juntamente com o saber e o poder se tem autonomia para a tomada de decisões na administração acadêmica. Ao início, na Escola de Enfermagem, as enfermeiras tinham autonomia na cátedra da especialidade, mas tudo era aprovado pelo Conselho da Faculdade de Medicina, o que mudou com a criação da Faculdade de Enfermagem; desta maneira, logrando

liberdade na tomada de decisões, o que facilitou seu avanço na academia e na administração, considerado uma ação reconhecida pela profissão, comunidade universidade e sociedade em geral.

Nesse contexto, Demo (1997, p. 68) refere que autonomia tem que ver com a tomada de decisões, fenômeno de risco que o profissional com conhecimento de sua própria profissão, descobrindo sua realidade, não dependendo dos outros, pensando com autonomia se forja uma historia criativa. Enquanto Almeida (1989, p. 87) concorda a afirmar que a enfermeira avançou na procura da construção do seu conhecimento específico faz surgir um novo enfoque de seu saber, convertendo-se em uma especialista. Isso orienta a enfermagem encontrar sua autonomia, delimitando suas funções em relação a outros profissionais.

Todas as conquistas da profissão de enfermagem na UNT, foram pela liderança do grupo das professoras que tiveram a visão de desenvolvimento e compromisso com a profissão; com lutas cotidianas em um tempo histórico sócio, de contradições, e uso da guerra de trincheiras, segundo Testa. Assim a enfermagem ganhou espaço arquitetônico, organizativo, acadêmico, avanço do saber, poder e autonomia na administração acadêmica com a criação da Faculdade de Enfermagem.

Considerações finais

A complexidade auto-organizativa das enfermeiras docentes deveu-se inicialmente à posição de hegemonia e dominação da administração acadêmica da carreira de enfermagem pelos médicos que se apropriaram na UNT da direção da

¹² SMJ, significa Salvo melhores Juizos

Escola de Enfermagem e do ensino das disciplinas das ciências básicas, expropriando desta forma a construção do conhecimento de enfermagem em geral e da gerência acadêmica em especial.

Essa situação, contraditória no processo de inserção do ensino de Enfermagem na UNT através da Faculdade de Medicina, originou um árduo processo de lutas pela libertação ou autonomia das enfermeiras na administração acadêmico-pedagógica dos planos e programa da carreira como profissão universitária.

Nesse contexto de desigualdades e discriminação de gênero (médico-enfermeira) e igualdade quanto à posição de ambos como docentes universitários, as enfermeiras adotaram estratégias de saber-poder na administração acadêmico-universitária, na luta por sua autonomia e libertação, configurando dois grandes movimentos um interno e outro externo. O primeiro, no âmbito da própria enfermagem, se caracterizou por ter-se subdividido: um grupo de enfermeiras docentes da UNT representavam a oposição, mais que apresentou-se frágil, uma vez, que a maioria dos atores sociais que integram a Enfermagem da UNT, tais como a grande parte de docentes – que eram liderança, alunos e funcionários, somaram-se a guerra de trincheiras conclamando autonomia e libertação do grupo hegemônico. Em ambos os grupos havia um consenso que, de certa forma, as mantinha unidas e refere-se que as enfermeiras exerciam a representação técnico-científico e de classe. O segundo movimento configurou o grupo dono da situação, apresentava-se forte e era representado pelos médicos da

Faculdade de Medicina que exerciam o poder na administração acadêmica da Escola de Enfermagem através de sua direção e representação legal ante a UNT.

Esse processo de lutas caracterizou um momento contra-hegemônico travado pelas enfermeiras docentes que abrangeu entre outros empreendimentos fundamentais, os seguintes; estabelecer alianças, retomar a direção da escola por enfermeiras; qualificar-se em nível de pós-graduação para assunção de cargos da administração acadêmica e de progressão da carreira no magistério, de independizar-se enquanto área física (construção de local fora do hospital e da Faculdade de Medicina). Estes desafios não foram suficientes para a autonomia administrativa e financeira até re-iniciar com maior força o movimento, rumo à criação da Faculdade de Enfermagem o que significou, de um lado, uma grande ruptura do grupo dominante e de outro, uma grande conquista de libertação com base em seus direitos legítimos. A enfermagem na universidade legítima uma nova visão social de sua carreira e, portanto, uma nova hierarquia no campo da saúde e no ensino.

Abstract

This study, a qualitative research, has for purpose to discuss the strategies of the knowledge, to can and autonomy in the academic administration of nursing in the National University of Trujillo-Peru. Search to offer, a source of information in facts and events undertaken by the educational nurses that characterizes the evolutionary path of the career of academics nursing. It uses the approach dialectical of historical-social perspective, documental analysis and glimpses semi-structured. To the light of Mario Testa and Antonio Gramsci philosophical thoughts, the results evidence the fight movements for the

transformation in the academic administration and its conquest of the development of the nursing.

Key Word: Teaching of nursing, administration-academic and Autonomy-administrative.

Resumen

Este estudio es una investigación cualitativa que tiene por finalidad discutir las estrategias de saber, poder e autonomía en la administración académica de enfermería en la Universidad Nacional de Trujillo-Perú. Busca ofrecer una fuente de información consubstanciada en datos e acontecimientos emprendidos por las enfermeras docentes que caracterizan la trayectoria evolutiva de la carrera de enfermería universitaria. Se utiliza el método dialéctico de perspectiva histórico-social, análisis documental y la entrevista semi-estructurada. Los datos se analizaron a la luz de los pensamientos filosóficos de Mario Testa y Antonio Gramsci; los resultados evidencian los movimientos de lucha para la transformación en la administración académica y conquista del desarrollo de enfermería.

Palabras clave: Enseñanza en enfermería, Administración-académica y Autonomía-administrativa.

Referencias bibliográficas

- ALMEIDA, M.S.P. O saber de enfermagem em sua dimensão prática. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1995.
- FRANK, S.CH.M. Development of a University Nursing Program in Peru. National University of Trujillo. Washington, 1973. Project HOPE.
- GADOTTI, M. Concepção dialética da educação: Um estudo introdutório. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- GEOVANINI, T. NOGEIRA, A. História de Enfermagem. Versões e interpretação. Rio de Janeiro: REVINTER, 1995.
- GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 2ª ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- JAMIESON, E. SEWALL, M. Historia de la Enfermería. Ciudad de México: Interamericana, 1968.
- LOBIONDO-Geri W. HABER, J. Pesquisa em Enfermagem. Métodos, avaliação, crítica e utilização. 4ª ed. Tradução de Ivone Evangelista Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- LÜDQUE, M. ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. 3ª ed. São Paulo: EPU, 1988.
- MINAYO, M.S. de S. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. 7ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- TESTA, M. e Colaboradores. Pensar em Saúde. Tradução de Walkiria Maria Frank Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- _____ Pensamento estratégico e lógica de programação. O caso da saúde. Tradução de Ângela Maria Tijiwa. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- VERDERESE, O. Análisis de Enfermería em América Latina. Antologia de Experiências en Servicio y Docência em Enfermería em América Latina. Pub. Científica, Washington D.C. n. 393, 1980. p. 1-24.